

## **HISTÓRIA E MOVIMENTOS SOCIAIS NO CAMPO ENQUANTO DISCIPLINA NO ENSINO SUPERIOR<sup>1</sup>**

Josiane Rodrigues Coelho Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** o presente artigo é resultado de uma pesquisa sobre a disciplina de História dos Movimentos Sociais no campo e tem como objetivo acompanhar a formação dos discentes do curso de Licenciatura Plena em História, na disciplina de Movimentos Sociais no Campo. Foi um estudo qualitativo, configurou-se na revisão bibliográfica, entrevista oral com um docente da turma que ministra essa disciplina e a aplicação de um questionário aos acadêmicos do 3º Período do curso de História. O ponto de partida da pesquisa é visualizar como os discentes atribuem a importância da temática, movimentos sociais, trabalhada no ensino básico e a relevância dessa disciplina no ensino superior. Para melhor compreensão, foram utilizados autores como: Martins (1990/1986), Brandão (1986), Vasconcellos (1991), Pessoa (1999), Thompson (1997), Silva (2008), Gohn (1995), Lamarche (1997), entre outros que propõe uma reflexão sobre o que são movimentos sociais.

**Palavras-chave:** Movimentos sociais. Ensino. Disciplina.

**Abstract:** This article is the result of research on the discipline of History of Social Movements in the field. The purpose of the course is to follow the training of undergraduates in the course of Full Degree in History, in the discipline of Social Movements in the Field. It was a qualitative study, it was configured in the bibliographical review, oral interview with the class teacher who teaches this discipline and the application of a questionnaire to the students of the 3rd Period of the History course. The starting point of the research is to visualize how the students attribute the importance of the social movements' theme to be worked in basic education and the relevance of this discipline in higher education. For a better understanding, references were used by Martins (1990/1986), Brandão (1986), Vasconcellos (1991), Pessoa (1999), Thompson (1997), Silva (2008), Gohn (1995), Lamarche and others that propose a reflection on what are social movements.

**Keywords:** Social Movements. Teaching. Subject.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado como requisito parcial para a obtenção do título em especialista em Docência: interdisciplinaridade e demandas contemporâneas, na área interdisciplinar, da Universidade Estadual de Goiás, Campus Itapuranga, orientadora: Prof. Ma Damiana Antonia Coelho.

<sup>2</sup> Pós-graduanda em Docência: interdisciplinaridade e demandas contemporâneas (UEG-Câmpus Itapuranga) e Licenciada em História pela Universidade Estadual de Goiás.

## **1 Introdução**

Este artigo é resultado de uma pesquisa que tem como objetivo analisar a disciplina de História e Movimentos Sociais no Campo do 3º período do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual de Goiás, *Campus Itapuranga*, ministrada no primeiro semestre de 2016 (matriz, 2015). A disciplina tem o intuito de discutir a importância dos trabalhadores e trabalhadoras rurais para a sociedade, além disso, procurar qual a visão dos acadêmicos com relação aos movimentos sociais atualmente, enfatizando, como base do movimento, a formação e os fundamentos de liga camponesa e atuação e uma ala da Igreja Católica nesses movimentos. A disciplina trouxe provocações aos alunos com relação a esse movimento, que é algo que passa despercebido no ensino básico.

Dessa forma, trabalhar a disciplina de História e Movimentos Sociais no campo é buscar a integração entre os sujeitos do processo de ensino/aprendizagem no contexto histórico do Brasil, com reflexos na história de Itapuranga-Go. Este estudo reflete sobre o que são movimentos sociais no campo, como eles são vistos pela maioria da população, já que muitos defendem a ideia de que o Brasil é um país elitizado, e, também, qual a participação de uma das alas da Igreja nesses movimentos sociais no campo.

O universo da pesquisa foi formado pelos estudantes do terceiro período do curso de História e pelo professor da disciplina de História e Movimentos Sociais no Campo. O motivo pelo qual a disciplina deixou de ser uma opção, e passou a ser efetiva na nova grade curricular, ocorreu devido o município de Itapuranga ser localizado no interior do Estado de Goiás, possuindo traços fortes de tradição ruralista próximo ao campesinato.

Com o surgimento do sindicato dos trabalhadores rurais, a questão agrária dos assentados da Fazenda Maria Alves, conhecida regionalmente como Córrego da Onça, passou a ser mais acentuada, como, por exemplo, a luta dos trabalhadores rurais na questão do hospital do sindicato – atual Associação Popular

de Saúde de Itapuranga, mais conhecida como Hospital Santa Casa do Povo –, dentre outros, que não é um fato tão explicitado e debatido no nosso cotidiano.

Não obstante, trabalhar movimentos sociais, enquanto disciplina, possibilita a inserção de uma nova realidade para discutir fatos e processos históricos de movimentos de lutas, envolvendo uma realidade que, até alguns anos, não existia. A pesquisa em voga se pauta na abordagem qualitativa, os métodos utilizados foram um questionário opcional, com cunho dissertativo, contendo cinco perguntas abertas. Trabalhar a história dos movimentos sociais é buscar inúmeras interpretações, Thompson (1998) apud Silva (2008) considera as experiências como algo que foi materializado por pessoas que têm sonhos, desejos e frustrações; um longo caminho a percorrer. O questionário foi aplicado no mês de maio de 2016 com 10 estudantes do terceiro período do Curso de História da UEG – *Campus* Itapuranga. A entrevista com o professor da turma foi realizada no mês de maio de 2016 na Universidade Estadual de Goiás, *Campus* Itapuranga.

Diante do exposto, o artigo está organizado em três momentos, o primeiro discorre sobre os movimentos e suas definições, com base em autores que trabalham com essa temática. No segundo, como os movimentos sociais são apresentados para a população pela mídia. E, por fim, a análise dos resultados da pesquisa e a entrevista.

## **2 Movimentos Sociais em discussão**

Iniciarei a discussão sobre o que são movimentos sociais, como a sociedade os vê e entende e, também, como eles contribuem para a formação dos acadêmicos do 3º período do curso de história da Universidade Estadual de Goiás do *Campus* de Itapuranga. Acredito que estudar a História do Brasil, sob essa perspectiva, abre-nos a possibilidade de criar uma mentalidade mais crítica e avançada para compreender a história do município de Itapuranga-Go que, praticamente, é composta de uma população rural.

Segundo Maria da Glória Gohn, os movimentos sociais são

Ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de conflitos legítimos e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade decorrente da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base referencial de valores culturais e políticos compartilhados pelo grupo (1995. p. 44).

Isso quer dizer que os movimentos sociais são ações coletivas formadas por agentes sociais que, em meio a conflitos, defendem sua categoria de trabalhadores rurais e seus próprios interesses, reivindicando e lutando pelos seus direitos em busca de posse de terra. Nesse sentido, Martins (1986) afirma que o problema da reforma agrária não é simplesmente “dar terras aos trabalhadores rurais”, isto é, redistribuí-las aqui e ali, na verdade, precisa-se, nesse processo, de investimento e ajuda política.

Em razão disso, os movimentos sociais se tornam a forma pelo qual os trabalhadores encontram para se unirem em busca dos seus direitos. Contudo, ao fazer uma redistribuição de terra, entende-se que a reforma agrária se dá conforme prevê a Constituição Brasileira de 1988, em que se enfatiza que todos têm direitos básicos como alimentação, moradia e saúde. Assim, percebe-se que reforma agrária não é somente uma questão de “dar” um pedaço de terra para o trabalhador “assentado” ou “sem-terra”, mas é, sobretudo, dar condições para que este trabalhador se mantenha nela, para que dali tire seu sustento.

Iokoi (1996), texto trabalhado em sala do 3º período do curso de licenciatura plena em história do campus de Itapuranga, relata a *encruzilhada do natalino* que

Articulados pelo movimento de justiça e Direitos Humanos e pela comissão Pastoral da Terra (CPT/RS) os agricultores instalaram-se em mais de um quilômetro de estrada amontoando-se em barracas de lona, de capim, de pedaços de madeira, de sacos de cimento e de adubos, pendurados nos barrancos (p.78).

Mas a sociedade brasileira é elitizada e olha para os acampamentos do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais), sem-terra, com certo preconceito; como se eles (os sem-terra), ali acampados, representariam um atraso ao progresso do agronegócio. Isso fica evidente quando vemos o filme “Descalço sobre a terra vermelha”, em que o confronto entre latifundiários e os assentados era constante.

Ao tratar de movimentos sociais no campo como disciplina eletiva do curso de História do 3º período, o professor da turma aborda que, devido Itapuranga ser uma cidade do interior do estado de Goiás e ter uma população tradicionalmente rural, como também pelo histórico das fortes mobilizações sociais desse local, que, até então, é desconhecida pela população itapuranguense, principalmente pelos jovens, torna-se fundamental a inserção dessa disciplina como eletiva no curso de História.

Segundo Vasconcellos (1991), a Proclamação da República é apontada como causa principal do surgimento de Conselheiro e de seu povo. Nessa perspectiva, busca compreender o que motivou Conselheiro a apoiar a monarquia e se opor a república, pois, em ambas, sofrera perseguições. Mas, para conselheiro a república era como a introdução do casamento civil, que passou a legislar sobre fatos que eram competência exclusiva da igreja, além do mais era favorável à escravatura.

A queda da monarquia, para ele, estaria diretamente ligada à abolição e, por fidelidade a Igreja Católica, tomou tal posição, uma vez que não aceitou de bom grado o novo regime político que no Brasil se instalara. Por isso, a República é apontada como causa do movimento de rebeldia e das transformações ocorridas nas relações de trabalho. As causas de tal movimento, a introdução do trabalho livre com a arregimentação de colonos estrangeiros para o cultivo de café no sul do país, tendo restrição ao sertanejo nordestino, são as possíveis causas do conflito de canudos. Vasconcellos (1991) diz que a intervenção em Canudos foi feita por

pressões dos deputados da oposição e pelo receio do governador de se ver afastado do cargo pelas tropas militares.

Nessa perspectiva de movimentos sociais no campo, uma ala da Igreja Católica está sempre apoiando o povo na luta tão desigual pela terra, cuja vida no campo é tão difícil que o camponês tem que contar com ajuda de religiosos como Conselheiro e Padre Cícero, a fim de construir estradas e açudes, já que a principal atividade do vale é a criação do gado, substituída rapidamente pela agricultura de produtos como cana de açúcar e algodão.

Vasconcellos (1991) apud (Della Cava, 1997:126) salienta que “O movimento do Juazeiro [...] tinha suas raízes profundas, não no povo, mas no Clero”. Após o suposto milagre da hóstia transformada em sangue na boca da beata, outros padres tornaram o fato público usando este fato a favor do avivamento religioso, mas, Vasconcellos (1991) apud (Della Cava, 1997:31) afirma “Padre Cícero pessoalmente não tinha ambições políticas”.

Para esse autor, mesmo não existindo estudos que comprovem os primeiros e mais resolutos seguidores do Padre Cícero devido o suposto milagre, acredita-se que os proprietários de terra, comerciantes e profissionais religiosos foram os seus primeiros seguidores, somente posteriormente vieram as classes baixas locais. No entanto, devido uma visão do Padre Cícero em sonho, ele resolveu optar por sua permanência naquela vida de cuidar dos camponeses, mas, sem dúvida, o milagre da beata fez legiões de peregrinos se dirigir para Juazeiro, passando a viver sob as ordens do padre.

Nesse sentido, o reduto do Juazeiro pode distinguir duas estruturas diferentes, a religião e a política, o movimento religioso em que a figura maior era Padre Cícero, seguida pelas camadas intermediárias (as beatas e os dirigentes das associações religiosas) e, depois, aparece o povo, os romeiros e peregrinos.

Vasconcellos (1991) explica que o Padre Cícero só foi cooptado pelo grupo dominante, pois, somente ele seria capaz de manter uma trégua onde grassavam a fome, a doença, a miséria e a injustiça, que sempre esteve presente na vida da classe menos favorecida da sociedade brasileira. Em relação à política,

Cícero era o instrumento para a sua prática política. Sendo assim, não é possível afirmar um só líder no movimento social desenvolvido no Oeste de Santa Catarina.

Ao desenrolar, esse movimento ficou conhecido como contestado, já que eram muitos os que saíam rezando e migrando pelos sertões, formando grupos que acreditavam que a monarquia era um novo céu. Dessa forma, “[...] A república é tida como a causa do desencontro que estava ocorrendo na sociedade, provocando todo o sofrimento por que passava a população [...]” (VASCONCELOS 1991 p.41). Os grupos acreditavam que as dificuldades enfrentadas devido a vários fatores, tais como, mudança nas relações de trabalho, introdução do trabalho assalariado pela construção da estrada, o desalojamento dos posseiros ou se encontravam na margem da linha de ferro.

Martins (1994) enfatiza o Clientelismo, a corrupção no Brasil contemporâneo e o trânsito de dinheiro particular para os bolsos dos políticos por meio das funções públicas que ocupam. Mas, isso na tradição brasileira é visto como compensação e lealdade política, com movimento inverso do dinheiro particular dos políticos em favor dos interesses particulares dos eleitores. Holanda (1995), ao descrever as raízes do Brasil, faz um esboço da família tradicional e diz que

No Brasil, onde imperou, desde tempos remotos, o tipo primitivo da família patriarcal, o desenvolvimento da urbanização \_ que não resulta unicamente do crescimento das cidades, mas também do crescimento dos meios de comunicação, atraindo vastas áreas rurais para a esfera de influência das cidades \_ ia acarretar um desequilíbrio social (HOLANDA. p. 144, 1995).

Na história política do Brasil a distinção entre o público e o privado nunca chegou a se constituir na consciência popular como distinção de direitos relativos à pessoa/ao cidadão. Em relação às terras em particular, centro e base do poder desde o período colonial até os dias de hoje, quando o terreno é concebido em sesmaria sempre o interesse do rei estava à frente da necessidade do povo. Atualmente, isso não está diferente, uma vez que a bancada ruralista no congresso nacional tem como representante um grande número de latifundiários.



Além do mais, os movimentos como canudos e contestado marcaram claramente a erupção das massas populares rústicos sertanejos no cenário político e social brasileiro, sendo, até mesmo, tratados como fanáticos, bugres e bárbaros. E, quando questionaram a república dos coronéis no seu aspecto mais essencial (monopólio da terra), foram alvo de repressão brutal. Linhares e Silva (1999) apontam sobre a visão que a população brasileira elitizada tem a visão de que os camponeses são agentes políticos passivos, que devem sofrer a ação benfeitora do Estado sem ocuparem a cena política como protagonista. Infelizmente, uma grande parte da sociedade brasileira não vê os movimentos sociais do campo com bons olhos, como algo importante. Alguns têm a ideologia de que o trabalhador rural está inserido no campo e, por isso, não tem direito de reivindicar seus direitos.

Ao questionar o professor do 3º período do curso de Licenciatura Plena em História da disciplina História dos Movimentos Sociais no campo acerca da leitura dos alunos sobre os movimentos no campo, ele ressalta que os acadêmicos conhecem a história desses movimentos no campo com certo receio, porque o que a mídia passa para a população são os fatos que lhe convém e, de fato, com inversões dos papéis. Nesse viés, ele citou exemplos das mulheres do MST do Estado do Paraná, cujo jornal Celulose online afirma que (CELULOSE ONLINE-matéria publicada em março de 2016) “Mulheres do MST destroem 1,2 milhão de mudas de pinus da Araupel, no PR”.

Isso é algo que deixa todos apreensivos e com muitas perguntas sem respostas, quais foram os motivos que levaram essas mulheres a tomarem essa atitude. Mas, a mídia tenta, o tempo todo, deixar em evidência que elas são bandidas, vândalas e causaram um grande prejuízo a empresa de reflorestamento, deixando de abordar o fato de que cerca de cinco mil mulheres fazem parte da jornada nacional de luta das mulheres camponesas, que este ano de 2016 tem como lema “Mulheres na luta em defesa da natureza e alimentação saudável, contra o agronegócio”.

O MST, dentro desse aspecto, se explicou dizendo que as mulheres camponesas estavam exigindo do governo uma ação mais rápida de desapropriação



da fazenda de cerca de cinco mil hectares para fins de reforma agrária e, também, que as 10 mil famílias acampadas no Paraná sejam assentadas. Para as mulheres camponesas e MST, esse movimento é uma forma de pressionar o governo para que tome uma atitude mais rápida, mas, para a mídia é um ato de vandalismo, cujo prejudicado foi a Aupel, que perdeu mais de R\$35 milhões com invasões.

Segundo fontes do G1 (Portal de Notícias publicado no ano de 2016) juntamente com as ideias do professor da turma, o massacre do Eldorado dos Carajás foi um confronto que ocorreu quando 1500 sem-terra estavam acampados na “*curva do S*”, localizada entre o município de Marabá e Eldorado dos Carajás no sudeste do Estado do Pará, e decidiram fazer uma marcha em protesto contra a demora da desapropriação das terras. Homens, mulheres e crianças do MST estavam às margens da rodovia BR 155, que liga a capital do estado Belém ao sul do Estado, e, segundo o governo, os assentados estariam obstruindo o progresso.

Ao retratar esse episódio, o Portal G1 (2016) procurou demonstrar de uma forma avessa o fato ocorrido, deixando de retratar o fato de que 150 policiais, fortemente armados, chegaram até os 1500 trabalhadores rurais e começaram a chacina, o que comungou na morte de 19 trabalhadores, dentre eles um jovem de 17 anos. Após dias de investigação, os relatos vêm contradizer a versão apresentada pela polícia, de que os trabalhadores que os atacaram e eles só se defenderam, mas, as perícias comprovaram que a maioria dos disparos foram efetuados a queima roupa e outros foram mutilados até a morte com suas próprias ferramentas de trabalho.

Além das mortes o massacre deixou 69 pessoas feridas, alguns com sequelas resultantes de balas alojadas em partes do corpo que as impossibilitaram de trabalhar no campo. Portanto, além das 19 vítimas, dois deles faleceram decorrentes das consequências dos ferimentos. No massacre do Eldorado dos Carajás, o governo tinha prometido alimento e ônibus para que eles pudessem prosseguir a viagem após dias acampados, mas, ao invés disso, o governo mandou a polícia para tirá-los a todo custo daquele local. Iokoi (1996, p. 80) relata que “Vencer os acampados pelo cansaço e assim vergar a resistência camponesa”.

Dessa maneira, a relação da comissão pastoral com os assentados está em “Não somente ouvir, mas assumir os sofrimentos e as angústias, as lutas e as esperanças das vítimas da injustiça, distribuição e posse de terra” (IOKOI, 1996p. 80). Eles se juntavam no centro do acampamento junto à cruz para rezarem e refletirem sobre seus sofrimentos, comparando-os com a paixão de Cristo. O sofrimento desses camponeses revoltados transformou em força e resistência e o apoio de inúmeras comunidades cristãs fortaleciam-nos e animavam-nos.

## **2.1 Movimentos sociais em Itapuranga-Go**

Os trabalhos já realizados sobre a história de Itapuranga, a partir do final da década de 1970, conclui que nem todos tiveram visibilidade conferida pelo processo de mediação da Igreja e do Sindicato dos trabalhadores de Itapuranga. Nem todas as organizações e ações partidas dos trabalhadores rurais foram evidenciadas. Lunardi (1999) apud Silva (2008) pesquisaram a organização associativa dos Agricultores Familiares e a Cooperativa na região.

Atualmente, a Cooperativa de Agricultura Familiar de Itapuranga (Cooperafi), localizada no município de Itapuranga como a feira do produtor rural é algo que gera oportunidade para o trabalhador se aproximar da comunidade, oferecendo seus produtos e, assim, aumentar sua renda familiar. Com essas experiências, outros trabalhadores rurais dos municípios vizinhos se engajam a ter uma percepção das ações de união através do cooperativismo e associativismo. Duarte (1998) afirma que essas experiências refletem nos municípios vizinhos, em que muitos homens e mulheres procuram se engajar no movimento de conquista pela terra ao longo da década de 1980.

As experiências vivenciadas dia-a-dia e os inúmeros enfrentamentos no processo de deslocamento serviram como aprendizado para os trabalhadores rurais. Pessoa (1999) apud Silva (2008) destaca que seu primeiro aprendizado foi na Fazenda Córrego da Onça no município de Itapuranga, a partir desse fato, esses

trabalhadores, transformaram-se em novos camponeses. Após vários anos de expropriação e exploração passou, então, a partir da década de 1980, a ocupar a terra e a empreender sua efetiva resistência pela sua posse. Para Pessoa (1999, p.89) apud Silva (2008, p. 67)

Se poderia chamar de início do aprendizado foi a Fazenda Maria Alves ou Córrego da Onça, município de Itapuranga. É que as ocupações da Fazenda Estiva São Joao do Bugre e da Fazenda do Mosquito, que aconteceram logo em seguida, foram puxadas pelos trabalhadores rurais de Itapuranga, mobilizados pelo STR, pela Igreja local e pela CPT.

Conforme Libertad (1995) apud Silva (2008), Itapuranga tem como característica fundamental a predominância da pequena propriedade rural. Por isso, o professor da disciplina de História e Movimentos Sociais no Campo explicou o porquê da efetivação da disciplina. Segundo ele, há um grande número de alunos da Universidade Estadual de Goiás, do *Campus* de Itapuranga, que vive no meio rural, e mesmo o que vive no campo traz consigo fortes traços de uma tradição rural. A proposta dessa disciplina é, então, deixar de lado o ensino sequenciado, em que deve ter uma ordem com relação às disciplinas trabalhadas em todo o curso, isto é, uma tem que complementar a outra. O fato da disciplina de História dos Movimentos Sociais no Campo anteceder a História do Brasil na matriz curricular de 2015, o professor Valtuir Moreira afirma que foi proposital para que os alunos saíssem do comodismo em busca de outro olhar sobre a história do Brasil, principalmente, no que se refere aos direitos assegurados pela constituição brasileira.

Em relação aos embates vividos pelos trabalhadores rurais do município de Itapuranga, a história nos evidencia as etapas do processo de consolidação do hospital da Associação Popular de Saúde de Itapuranga (conhecido na época como Hospital do Sindicato). Este foi fruto da militância dos trabalhadores rurais junto à Diocese de Goiás que, através de grupos de evangelho, ajudaram na consolidação da Oposição Sindical. Nesse momento em que surgia o projeto de um centro de saúde em Itapuranga, a administração do hospital era de responsabilidade do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Itapuranga (STRI) que buscavam o

desenvolvimento de práticas comprometidas com as classes subalternas, capazes de transformar as condições de vida da população itapuranguense.

### 3 Análise e resultados

Na análise dos dados, *a priori*, focalizo o questionário aplicado aos alunos do terceiro período do curso de História, especificamente dos alunos matriculados na disciplina de História e Movimentos Sociais no Campo, na tentativa de demonstrar como foco o olhar dos alunos do terceiro período sobre a Disciplina História e Movimentos Sociais no Campo.

Iniciarei pela pergunta que questiona sobre o fato de eles já terem ouvido falar na disciplina curricular de história e Movimentos Sociais antes de ingressar no curso de História da UEG, Campus Itapuranga, se sim, quando e onde. Dos dez questionários analisados, nove responderam que não, e apenas um respondeu que sim, em uma palestra com o professor Dr. Valtuir Moreira da Silva.

Iniciei o questionário com a pergunta - Como você avalia o plano de curso, as referências, a metodologia e as discussões da disciplina Movimentos Sociais? Todos os alunos responderam que avaliam o plano de uma forma positiva e objetiva, clara e enriquecedora. As discussões na sala ainda estão em fase de amadurecimento; eles abordam que estão apenas começando a compreender como é a política do Brasil e como ela está atualmente. Os alunos A1, A4 e A6 afirmam

O A1 "No geral ótimo, o plano de curso foi elaborado, a metodologia utilizada pelo professor é bem didática e de fácil compreensão. As referências são utilizadas a partir de autores 'menos prestigiados', mas são ótimos e algumas leituras parecem ter sido escritas ontem. As discussões acredito eu, ainda estão amadurecendo e a política atual brasileira reforçou isso".

O A4 "É uma excelente disciplina, nos mostra as reais lutas brasileiras, não esquecendo do passado, não discriminando ninguém, ainda mais de quem ajudou a construir o país".

E por último, o A6 "Muito importante, pois até então não tinha ideia dos verdadeiros acontecimentos. Ficar a par das lutas e conquistas desses movimentos sociais nos mostram o quanto essas pessoas foram corajosas, lutando por seus objetivos".

Há evidências de que os movimentos sociais não são algo comentado e nem debatido em sala de aula no cotidiano da população brasileira, tornando-se um assunto mais restrito. Thompson (1981) diz que descobrimos um termo que faltava “*experiência humana*” em que homens e mulheres retornam como sujeitos dentro da história, não como sujeitos autônomos, mas, sim, “*indivíduos livres*”.

A segunda foi - A disciplina de História dos Movimentos Sociais proporciona a (re)leitura da política brasileira? Os dez alunos responderam que sim e os alunos A7, A9 e A10 comentaram

O A7 “Sim muito, dá uma análise de outra perspectiva de ver a política atual, muitas fragmentações e paradigmas que se rompem com as discussões”.

O A9 “sim, pois sem essa (re) leitura não podemos seguir em frente aos debates, sobre os movimentos sociais”.

O A10 “Proporciona sim, pois passamos a ver a política brasileira atual como ela é. Uma política que favorece a elite dominadora e exclui os menos favorecidos”

Toda a finalidade acadêmica de quaisquer processos educativos é a interpretação, compreensão, explicação e expressão da realidade pessoal, social e da natureza, todo histórico-culturais de que o ser humano necessita no seu processo de humanização (SOUZA. 2010). Os alunos conseguiram assimilar o que vêm a ser movimentos sociais no campo na qualidade de acadêmico-social, identificando o crescimento deles como cidadãos humanos, cujos trabalhadores e trabalhadoras do campo (os camponeses), mesmo que não tenha registro em sua carteira de trabalho, são seres humanos, indivíduos e membros da humanidade, por isso eles têm todos os direitos assegurados pela constituição.

Na outra pergunta do questionário, perguntei: Os autores trabalhados, as discussões e os debates em sala, contribuem para compreensão dos movimentos sociais, suas atuações, conquistas e desafios. No geral são responsabilidades da luta pela garantia da sobrevivência com dignidade, das pessoas dos diversos segmentos das diferentes camadas da classe trabalhadora?

O A3 diz: “Sim, pois esses movimentos sociais e as lutas que ocorreram no aprendizado da matéria foram importantes para o desenvolvimento do Brasil”. Sendo assim só há futuro se souberem cominar as lutas reivindicatórias com as lutas políticas gerais, capazes de gerar nova cultura social.

O A4 responde que sim, e a partir desse estudo que se toma consciência dessas lutas e da importância delas para o nosso desenvolvimento até como cidadão.

Outra questão foi: Destaque as contribuições da disciplina História e Movimentos Sociais para a sua formação acadêmica e política como graduado em História da UEG, Campus Itapuranga. De fato, cada momento histórico tem sua contemporaneidade e em cada momento tem seus problemas e desafios que se explicitam no interior de todas as contradições, o que contribui para as possibilidades de transformar convivência em perspectiva de organização social com relação ao ato de ensinar e de aprender.

A1 “Como acadêmica está sendo de enorme contribuição até para entender as cidades afastadas das grandes cidades (a marcha para o oeste, por exemplo), que pode muito bem ser complementador no final do curso. E em relação a política ainda está por vir uma completa transformação. Creio que ainda há alguns enclaves do senso comum (que estou disposto a quebrar) e como cenário político atual só teve que acrescentar muito mais.

A6 “A disciplina me ajudou a e contar os verdadeiros motivos que os camponeses procuravam, até então o que sempre ouvia a respeito deles é que eram arruaceiros e baderneiros... Só agora percebo e apoio essas lutas”.

De acordo com o professor dessa disciplina na universidade pesquisada, é essencial que os alunos entendam a luta desses movimentos. Eles conseguem traços fortes de uma tradição rural bem próxima do campesinato. Com a relação à pesquisa, percebi que, no primeiro momento, ficaram apreensivos, já que não é algo explicitado e nem debatido no nosso cotidiano, de fato, é mais conhecido pelo caráter, muitas vezes, inverso da mídia. O objetivo foi provocar o senso crítico sobre a história do Brasil, para que eles conheçam e discutam a política brasileira com relação ao campesinato.

#### **4 Considerações finais**

A pesquisa sobre a disciplina de História e Movimentos Sociais analisou como era a visão dos alunos do terceiro período do curso de História da Universidade Estadual de Goiás, *Campus* Itapuranga, frente às lutas do campesinato e movimentos sociais. Foi possível perceber que eles tinham uma visão distorcida das, já que só ouviram falar de movimentos sociais pela mídia.

Nessa perspectiva, na literatura brasileira é comum você ver um camponês como sujeito que não age, fica parado no tempo. Todavia, devido a embates, discussões e leituras das referências bibliográficas, isso foi desmistificado, deu-se lugar aos acadêmicos que, provavelmente, apresentam um senso crítico bem mais elevado sobre esse assunto, dos quais dizem que é preciso reaver os conceitos de cidadão ativo e não passivo na sociedade, bem como compreender a luta, envolvendo os trabalhadores e trabalhadoras rurais, como fundamentos e não movimentos sociais paralelos sem uma objetivação.

A população itapuranguense tem fortes traços de uma tradição rural, mas nem todos os cidadãos reconhecem isso. A luta dos movimentos sociais no município foi bastante intensa e árdua. Segundo o professor, a ideia de que os alunos pudessem conhecer e discutir o campesinato, uma vez que 80% dos alunos da turma conseguem entender o sentido do campesinato, deixando de lado o movimento operário do ABC Paulista que teve grande contribuição para a história do Brasil.

O massacre de Eldorado dos Carajás não é um episódio isolado, mas tornou-se símbolo padrão recorrente de violações de direitos humanos e injustiças cometidas contra camponeses, trabalhadores e trabalhadoras rurais, povos indígenas e populações tradicionais como quilombolas, pescadores ribeirinhos, ou seja, as classes menos favorecidas ou marginalizadas pela sociedade puramente elitista.

Na concepção do saber docente, na relação do professor e aluno, Tardif (2002) coloca que o processo de formação do ser humano, guiado por representações explícitas, exigem uma consciência e um conhecimento dos



almejados pelos autores. O professor, então, é definido como pessoa que possui saberes social e saberes pedagógico. Portanto, o professor ideal, na visão de Tardif, “É alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos as ciências e educação e a pedagogia e desenvolver um saber pratico asseado em experiência cotidiana” (p. 36).

Dessa forma a relação entre docente e aluno foi bem trabalhada, pois o professor buscou os alunos como atores da educação ao trazer a História e Movimentos Sociais do Campo para a sala de aula, inclusive discutindo a história de Itapuranga e o atual cenário político brasileiro, em que os alunos deixam de ser sujeitos passivos e se tornam sujeitos ativos na atividade docente, visto que podem questionar o porquê de os fatos acontecerem de um determinado jeito e não concordar com o rumo a história do Brasil tomou.

No que se refere na luta pela terra com o apoio de uma ala da Igreja, Dom Tomás Balduino da Diocese de Goiás e Dom Casaldáliga tiveram papel de destaque dentro da Igreja Católica nas questões referentes à reforma agrária e os direitos indígenas. Essa pesquisa teve como objeto de trabalho os Movimentos Sociais no Campo, baseada na ideia de acompanhar a formação do acadêmico das Licenciaturas, tornando-se este objeto uma configuração de análises, dando oportunidade de encarar a transformação de estudos historiográficos, contendo novas oportunidades para os discentes.

## **Referências**

ANCINE. **Descalço sobre a Terra Vermelha**. Direção: Oriol Ferrer Produção: Minoria Absoluta, Raiz Produções, TV3, TVE, TV Brasil. 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z95RlbSEnc> acessado em 12 de outubro de 2016.

BENJAMIN. Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política.** Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CELULOSE ONLINE. Mulheres do MST destroem 1,2 milhão de mudas de pinus da Araupel no PR. Fonte: G1 Oeste e Sudoeste –PR. MARÇO 11, 2016. Disponível em (<http://celuloseonline.com.br/mulheres-do-mst-destroem-12-milhao-de-mudas-de-pinus-da-araupel-no-pr/>). Acesso em 10 de outubro de 2016.

G1. Portal de Notícias. Ato marca os 20 anos do massacre de Eldorado dos Carajás, no PA - Em Belém, ato ocorreu na Praça Mártires de Abril, em São Brás. 19 trabalhadores rurais foram assassinados em 1996. 17/04/2016 20h00 - Atualizado em 17/04/2016 20h14. PARA 2016. (Disponível em: <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/04/ato-marca-os-20-anos-do-massacre-de-eldoradodoscarajas-no-pa.html>). Acesso em 10 de outubro de 2016.

HOLANDA. Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** 26<sup>o</sup> ed. Companhia das Letras. São Paulo. 1995.

IOKOI. Zilda Márcia Gricoli. **Igreja e Camponeses: Teologia da Libertação e Movimentos Sociais no Campo.** São Paulo: Fapesp – Hucitec, 1996.

LINHARES. Maria Yedda Leite. **Terra Prometida: uma História da questão Agrária no Brasil.** Rio de Janeiro: Campus, 1999.

MARTINS. J. S. **Os camponeses e a política no Brasil: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político.** São Paulo: Vozes, 1990.

\_\_\_\_\_. **O Poder do Atraso.** São Paulo: Hucitec, 1994.

\_\_\_\_\_. **Os Camponeses e a Política no Brasil: as Lutas Sociais no Campo e seu Processo Político.** Petrópolis: Vozes, 1986.

SILVA. V. M. **Itapuranga e a (re)invenção da História.** Goiânia: Vieira, 2008.

SOUZA. João Francisco de. **Educação e Movimentos sociais: educação Popular Enquanto uma Pedagogia.** Movimentos Sociais Populares Lócus Educativo. 2<sup>a</sup> ed. Campinas-SP: Alínea, 2010.

TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. Petrópolis: Vozes, 2002.

THOMPSON. E. P. **A miséria de Teoria**. (Trad. Waltener Dutra). Rio de Janeiro: Zahar. 1981.

VASCONCELOS. Lauro de. **Santa Dica: encantamento do mundo ou coisa do povo**. Goiânia: ABEU, 1991.